



Ronaldo Vainfas

Em entrevista a Cantareira, este carioca nascido em 1956 e professor titular do Dptº de História da UFF desde 1978, vai falar sobre sua formação, autores que o influenciaram, suas publicações recentes, lacunas historiográficas, representação estudantil e muito mais nesta entrevista imperdível.

Cantareira - Como surgiu seu interesse pela História? Sua família exerceu alguma influência?

Ronaldo - Meu interesse pela história vem de longe, houve sim alguma influência familiar, mas prefiro lembrar a importância do curso clássico que fiz no São Vicente de Paulo na primeira metade dos anos 1970. Ali tínhamos várias matérias de história - e não só uma -, lecionadas por professores de formação variada, embora predominassem os de orientação marxista, inclusive ex-

O estímulo à leitura era enorme e não se restringia aos livros didáticos.

padres. O estímulo à leitura era enorme e não se restringia aos livros didáticos. Muitos de nós lemos no Clássico autores como Celso Furtado, Nelson Werneck Sodré, Caio Prado. Quem os recomendava, por exemplo, era o Moacyr de Góes, professor de História do Brasil. Por feliz coincidência orientei, tempos depois, o mestrado e doutorado do José Roberto Góes, um dos melhores historiadores da escravidão, e filho do Prof. Moacyr. Mas gostaria mesmo   de destacar esta influência do São Vicente, que era um

foco de resistência e crítica ao regime militar na época, pois ela foi decisiva para minha opção de seguir a carreira de historiador.

***Cantareira* - Por que voltou sua produção para as mentalidades?**

Ronaldo - Não sei se posso falar de um interesse abstrato e a priori pelas mentalidades. Meu trabalho de mestrado foi no campo das ideologias, como orientação claramente marxista, inclusive no plano conceitual. É sobre as idéias escravistas gestadas pelos jesuítas no Brasil Colonial, depois publicado pela Vozes, já esgotado. Mas foi por ali, no início dos anos 1980, enquanto fazia o mestrado, que fui adensando minhas leituras neste campo das mentalidades, levado pelo meu interesse nas ideologias. Na época, como todos os colegas de minha geração dedicados a esses estudos, nem tinha muita clareza sobre as diferenças entre história das mentalidades e história cultural, áreas que só então começavam a se divulgar no Brasil. Mas foi no fim do mestrado que decidi estudar as moralidades e sexualidades - temática típica das mentalidades - a partir das fontes inquisitoriais. Isto me estimulou a ler ou reler boa parte da historiografia francesa dedicada às mentalidades, desde Febvre até autores da chamada “terceira geração”: Delumeau, Le Goff, Duby, Ariès, Jean-Louis Flandrin, o próprio Foucault, é claro. Mas a grande referência teórica do *Trópico dos Pecados* (1988) é o italiano Carlo Ginzburg, e foi também o Ginzburg do *História Noturna* a referência teórica de *A heresia dos índios* (1995). Logo, história cultural, com incursões de tipo micro-histórico, mais do que história das mentalidades à moda francesa. O mais importante é que tal opção me levou a fazer o que mais valorizo no trabalho historiográfico: o diálogo com fontes documentais, a pesquisa arquivística.



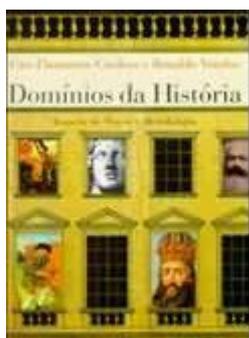
Heresia dos Índios

***Cantareira* - Como foi produzir o livro “Domínios da História” junto com o professor *Ciro Cardoso*, havendo uma discordância intelectual entre vocês?**

Ronaldo - Discordância intelectual? Devo dizer que *Ciro* foi meu orientador de mestrado e professor importantíssimo na minha formação de pós-graduação. Mais que isso, ele foi fundamental na renovação da antiga área de História da América da UFF, na qual eu atuava desde 1978. Ele chegou à UFF em 1979, exatamente quando ingressei no mestrado, e trouxe bibliografia riquíssima para os cursos de história pré-colombiana, colonial e hispano-americana no século XIX. Sua contribuição teórica para o estudo da escravidão colonial é imensa - e decerto foi importante no meu trabalho de mestrado - sem falar na envergadura de sua reflexão teórica.

O fato de nos afastarmos no tocante a temas de pesquisa e abordagem faz parte do caminho de cada um. Se eu passei a me dedicar mais à história cultural e à pesquisa do Santo Ofício, *Ciro* também deixou um pouco à margem seus estudos sobre sociedades coloniais e escravidão para dedicar-se à egiptologia - inclusive no campo da história cultural.

De todo modo, meus pontos de afinidade com *Ciro* são muito maiores que as divergências, bastando lembrar, no âmbito da UFF, que fizemos muita coisa juntos, a exemplo da reforma do currículo, no início dos anos 1990.

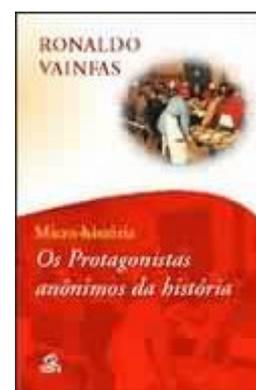


Domínios da História

Data dali, aliás, o nosso projeto para o *Domínios da História*. *Ciro* achava, com razão, que o *Métodos da História*, escrito por ele e pelo Héctor Perez Brignoli, estava algo defasado - e este livro ainda era a grande referência nesse campo de manuais teórico-metodológicos.

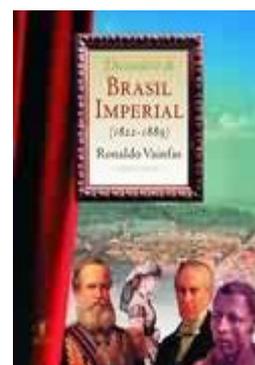
Daí a idéia do *Domínios*, a ser escrito por vários colaboradores. Concebemos o livro juntos, escolhemos de comum acordo os autores, discutimos os textos, ele fez a introdução, hoje tão citada, e eu a conclusão. O trabalho foi ótimo e o *Domínios*, felizmente, é livro de grande utilidade, constando de várias bibliografias nos cursos de Pós do país. Já foi reimpresso pela Campus não sei quantas vezes desde 1997.

Cantareira - Fale-nos um pouco sobre suas duas últimas obras: “*Protagonistas anônimos da História*” e o “*Dicionário de Brasil Impérial*”.



Protagonistas

Ronaldo - O primeiro é o *Micro-história: protagonista anônimos*. Foi uma encomenda da Campus, que está lançando uma série de livros metodológicos. Aproveitei o ensejo e o tema que me foi pedido para traçar um panorama desta linha de pesquisa que opera entre a história social e a cultural, irrigada pela antropologia hermenêutica. Procurei desfazer os equívocos habituais, pois muitos achavam, nos anos 1980, aqui no Brasil, que mentalidades, história cultural, micro-história, era tudo a mesma coisa. Mas é um livro simples, preocupado unicamente em traçar um panorama das metodologias micro-analíticas e dos dilemas que elas ensejam quanto às fronteiras entre narrativa histórica e ficcional, entre explicação e descrição, etc. O *Dicionário do Império* dá continuidade ao de Colônia, ambos encomendados pela Objetiva. Nosso propósito foi o de fazer obras de referência que fossem úteis a estudantes de graduação, eventualmente de Pós e ao professorado de nível médio. Isto porque se trata de dicionário analítico que, no caso de temas e personagens polêmicos, busca ao menos enunciar as controvérsias historiográficas que sobre eles há.



**Dic. do Brasil
Imperial**

***Cantareira* - Qual a sua opinião sobre a tentativa do historiador abarcar um público mais amplo?**

Ronaldo - Perfeitamente legítima e desejável. Não vejo razão para que a pesquisa universitária fique prisioneira dos arquivos de Pós ou reduzidas a um número estatístico na produção dos Programas da área. Então, há que publicar as teses, desde que tenham relevância, e há que fazer livros de divulgação mais ligados ao ensino. O problema é que houve um enorme crescimento de cursos de Pós, um frenesi de dissertações e teses em nossa área. E muito do que se faz, às vezes em ritmo frenético, infelizmente é muito pontual e não raro irrelevante. O pior é a distorção da noção de “História do Tempo presente”. Conversei com especialistas da área que me asseguraram que a história do “tempo presente” deve ser necessariamente voltada para grandes temas, a exemplo de guerras, relações internacionais, etc, e não para estudos miúdos

*nao vejo razao para que a
pesquisa universitária fique
prisioneira dos arquivos de
Pós ou reduzidas a um número
estatístico na produção dos
Programas da área.*



que nem de história são. Nem vou dar exemplos para evitar malentendidos.

Mas isto não é “privilegio” dos programas novos, mas de todos, incluindo a UFF, a USP e a UNICAMP, os melhores Programas do país, pela ordem. Fui membro do Comitê avaliador da CAPES em duas gestões e sei bem o que é isso, pois estudei por quatro anos a produção de quase 30 Programas de Pós em história no Brasil. De modo que não basta querer divulgar a produção universitária. É preciso que ela seja qualificada e de interesse mais amplo.

Cantareira - Com relação à escolha dos personagens que comporiam os verbetes, qual o critério utilizado?

Ronaldo - De um lado, personagens célebres, personagens oficiais da história do Brasil, que obviamente não podiam faltar num dicionário. Isto inclui - vale dizer - tanto os personagens do poder ou das classes dominantes, como os rebeldes. Celebidades rebeldes, por assim dizer, como o Zumbi ou o Tiradentes, no Dicionário de Colônia, ou o quilombola Manuel Congo, o Francisco Sabino, da Sabinada, a Anita Garibaldi.

Mas, nos dois dicionários, fizemos questão de por em cena personagens sem nenhuma celebridade, resgatados pela pesquisa dos últimos anos, homens e mulheres que, de certo modo, emblematizam tipos sociais, percursos, desvios. Essas micro-biografias de “anônimos”, com todas as aspás, trazem muitas lições.

Cantareira - Entre os novos trabalhos quais você destacaria?

Ronaldo - Vou entender esta pergunta como relativa aos novos trabalhos da historiografia brasileira e vou aproveitar para homenagear meus colegas de História Moderna aqui da UFF dedicados a temas luso-brasileiros. Aliás, devo dizer que nosso Departamento é o que oferece o número mais expressivo de historiadores dedicados a

temas de Antigo Regime, dentre todos os cursos de história do país. E isto não é questão só de número.

Alguns trabalhos foram premiados no concurso do Arquivo Nacional, como o *E Receberá Mercê*, do Guilherme, obra definitiva sobre a Mesa da Consciência e as religiosidades no ocaso da Colônia; a tese da Regina Celestino sobre os Aldeamentos do Rio de Janeiro colonial; o livro de Mariza Soares, *Devotos da Cor*. O livro da Sheila, *A colônia em movimento*, acaba de ser adotado na lista de aquisições do Governo do Estado de São Paulo. Os livros do Luciano, então, nem se fala. *O Averso da memória* ele fez antes de terminar o mestrado. *O Barrocas famílias* é uma beleza. Em breve sairá a tese sobre Revoltas Fiscais no século XVIII, destinado a ser clássico. Fernanda e Fátima organizaram livro muito importante, *O Antigo Regime no trópico*, já adotado em vários lugares. Pena que a tese da Fernanda, “A Cidade e o Império”, ainda esteja inédita. Ronald Raminelli publicou o *Imagens da Colonização*, pesquisa também muito original, que cruza fontes escritas com iconográficas. Nosso novo professor, Rodrigo, acaba de lançar livro originalíssimo, pela Hucitec, *O Rei no Espelho*. Esqueci alguém? O Paulo Knauss, que publicou um livro muito inteligente sobre os franceses na Guanabara, *O Rio de Janeiro da Pacificação*. Pena que ele abandonou os tempos coloniais em suas pesquisas. Em compensação, a Hebe Mattos, uma das melhores historiadoras da casa, tem namorado cada vez mais os temas

de Antigo Regime. Em breve teremos as teses da Gina, sobre a malha dos ofícios na estrutura da Inquisição, e a tão aguardada tese do Rogério Ribas

*Permitam-me, assim, esta pequena
apologia da produção dos colegas,
porque ela é mesmo excelente e
reconhecida em todo o país ou
mesmo no exterior.*

sobre os mouriscos portugueses no século XVI. Não é de admirar que muitos mestres e doutores já formados pela UFF nesta área, tenham publicado livros também muito qualificados.

Permitam-me, assim, esta pequena apologia da produção dos colegas, porque ela é mesmo excelente e reconhecida em todo o país ou mesmo no exterior.

Cantareira - Quais lacunas historiográficas você apontaria?

Ronaldo - Esta pergunta me fizeram numa enquete da Folha de São Paulo, no ano 2000. E vou responder como fiz naquela altura. Acho que temas ligados às religiosidades ainda são escassos, mesmo para o período colonial. O que é espantoso, sendo o Brasil um país místico e religioso por excelência.

Quando falo em lacuna, portanto, não me refiro aos aspectos institucionais, mas às crenças, ritos, religiões. Há muito o que fazer nesse campo. Neste ponto, sinto-me meio solitário aqui na UFF, exceto pelo Guilherme, e minhas interlocuções aqui são mais com a Laura de Mello e Souza, o Luiz Mott, a Anita Novinsky, que foi minha professora na USP, que são dos poucos a investir nesse campo. Mas já temos formado, aqui mesmo, historiadores nessa linha, como a Marina de Mello e Souza e a Jacqueline Hermann, só para citar só dois exemplos.

Cantareira - Como está sendo sua experiência administrativa na UFF?

Ronaldo - Já tive várias experiências administrativas na UFF, mas nunca exerci titularidade de cargo executivo. A única vez que tentei, numa eleição para a Pós, em 1991, a eleição terminou empatada em 15 a 15. Imaginem uma coisa dessas! Aí desisti, e renunciei à candidatura. Mais tarde, em 1996, fui vice do Daniel na Pós e fizemos uma dobradinha muito agitada, cujo mérito, se houve algum, foi

A gestão atual está também muito articulada e tem sido um privilégio trabalhar com Guilherme e Luciano, na Pós, Regina e Cecília, na Chefia, e o Paulo, na Coordenação. Eles dão exemplo de espírito público e de responsabilidade administrativa

deslançar a área de história, buscando articular Graduação e Pós e descentralizar as decisões por meio de Comissões permanentes, além de criar o *Correio da História*, do qual sou fã incondicional. É esta estrutura que hoje funciona aqui entre nós, após reformas e ajustes de duas gestões anteriores à atual. A gestão atual está também muito articulada e tem sido um privilégio trabalhar com Guilherme e Luciano, na Pós, Regina e Cecília, na Chefia, e o Paulo, na Coordenação. Eles dão exemplo de espírito público e de responsabilidade administrativa, além de nossos debates na Comissão de Pessoal

serem muito férteis e animados. Nossas discordâncias internas, às vezes frontais, são temperadas pelo espírito de tolerância e de conjunto que procuramos cultivar.

***Cantareira* – Você tem alguma consideração final? Uma espécie de “fala livre”?**

Ronaldo - Aproveito o espaço de “fala livre”, como vocês designaram este tópico, para externar minha opinião pessoal sobre a “representação estudantil em plenária”, o assunto quente do momento.

Antes de tudo, devo dizer que nada tenho contra os alunos e com eles penso ter as melhores relações, pelo menos com os que se inscrevem nos meus cursos.

Minha restrição específica é à atual representação e, mais que isso, à forma como ela tem atuado nas plenárias.

Em primeiro lugar por causa do voto de bancada, embora eu reconheça que isto não é assunto da minha alçada e os

representantes que façam o que julgarem melhor. Mas acho lastimável, porque é evidente que certas tomadas de posição da bancada não exprimem a diversidade de opiniões de nosso corpo discente. Entre os professores, mesmo entre os mais afinados ideologica ou

Entre os professores, mesmo entre os mais afinados ideologica ou academicamente, com frequência há divergência de opinião e de voto. Entre os representantes estudantis, jamais. É uma pena, porque nossos alunos são muito bons, alguns excelentes e não parecem bem representados.

academicamente, com frequência há divergência de opinião e de voto. Entre os representantes estudantis, jamais. É uma pena, porque nossos alunos são muito bons, alguns excelentes e não parecem bem representados.

Em segundo lugar, a intromissão dos representantes estudantis em assuntos sobre os quais não fazem a mais vaga idéia, como a indicação de membros para Bancas de concurso de magistério. Nos dois casos em que votaram os alunos, participei da comissão apuradora dos votos. Em ambos perguntei ao representante presente se

conhecia os professores nos quais todos haviam votado numa só cédula coletiva. Nos dois casos, não tinham a menor idéia de quais eram os membros por eles escolhidos.

Em terceiro lugar, o aspecto institucional, a meu ver o principal. Nem me refiro à legalidade da representação estudantil em plenária com direito a voto, mas à evidente distorção na composição da plenária. De um lado, os professores, que são membros natos do Departamento, por assim dizer, que não representam

o cálculo do 1/5 de representantes é evidentemente lesivo aos professores, pois adota como referência o total de professores lotados no GHT, incluindo os 20hs que jamais comparecem, nem são obrigados; os 40hs, que quase nunca vão; os licenciados a vários títulos, também desobrigados de comparecer.

ninguém senão eles mesmos. Obviamente que, por isso, não têm suplentes. De outro, uma bancada estudantil como membros efetivos e suplentes.

Ainda neste ponto, o cálculo do 1/5 de representantes é evidentemente lesivo aos professores, pois adota como referência o total de professores lotados no GHT, incluindo os 20hs que jamais comparecem, nem são obrigados; os 40hs, que quase nunca vão; os licenciados a vários títulos, também desobrigados de comparecer.

O quórum artificial de mais de 50 professores, sobre o qual se calcula o 1/5 dos representantes, a cada semestre mal alcança os 40 docentes.

Isto não pode ser “democrático”, senão um mecanismo distorcido de sobre-representação de alunos, por meio do qual opiniões majoritárias de professores, em diversas matérias, são derrotadas por minorias. Já houve votação em que 18 professores perderam para 9. Qualquer desfecho razoável para impasse tão delicado deve, a meu ver, passar pela alteração desta tremenda distorção.